

**Filosofia para Crianças e Círculo de Cultura:
contribuições para uma formação integral, dialogada e participativa da criança**

*Philosophy for Children and Culture Circle:
contributions to a comprehensive, dialogued and participatory education for children*

*Círculo de Filosofia para Niños y Cultura:
aportes a una educación integral, dialogada y participativa para niños y niñas*

Sandra Olades Martins Venturelli¹
Universidade Federal de Uberlândia

Lilian Calaça da Silva²
Universidade Federal de Uberlândia

Armando Quillici Neto³
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Filosofia para Crianças, em articulação com os Círculos de Cultura de Paulo Freire, para a formação integral, crítica e participativa da criança na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia adotada é de natureza teórico-bibliográfica, com base em autores como Aristóteles (2008); Freire (1967; 1981; 1987); Galeano (2025); Gallo (2006); Lipman (1990; 1994); Lorieri (1994); Kohan (2018); Silva (2024) e outros, articulando fundamentos filosóficos e pedagógicos. Os resultados apontam que a prática filosófica, quando integrada aos princípios freireanos de diálogo, problematização e conscientização, favorece o desenvolvimento da autonomia, da escuta ativa, da argumentação e da reflexão crítica nas crianças. A experiência dos Círculos de Cultura, adaptada ao universo infantil, potencializa a emergência de questões filosóficas a partir do cotidiano, promovendo uma educação mais significativa e humanizadora. Conclui-se que a união entre Filosofia para Crianças e Círculos de Cultura constitui uma proposta pedagógica potente para a construção de uma infância protagonista, reflexiva e transformadora.

Palavras-chave: Filosofia para crianças; Círculos de cultura; Educação dialógica.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora do Curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal – ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Minas Gerais, Brasil. Membro do grupo de pesquisa "Teoria Crítica e Educação" CNPq. E-mail: sandra.olades@ufu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8965126677894347>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1600-2962>.

² Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, em Portugal. Professora adjunta do Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas (ICHPO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil. Integrante da Comunidade de Prática de Investigação (CoPin) através do PIV – Políticas de Inclusão e Vozes: diversidade, género e interseccionalidade no CIIE/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal. E-mail: licalaca@ufu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4710967164987197>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2175-3928>; Ciênciavita: FF17-C9D7-1FA8

³ Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor Titular de Filosofia da Educação do Curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal – ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU – PPGED, na linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação. Credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da UFU – PPGPEDU, na linha de Pesquisa em Fundamentos, política e gestão da educação. E-mail: armando@ufu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6897277608755605>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2553-4693>.

Abstract: This article aims to analyze the contributions of Philosophy for Children, in articulation with Paulo Freire's Culture Circles, to the holistic, critical, and participatory development of children in Early Childhood Education and the early years of Elementary School. The methodology is theoretical and bibliographic, based on authors such as Freire, Lipman, Gallo, Kohan, among others, articulating philosophical and pedagogical foundations. The results indicate that philosophical practice, when integrated with Freirean principles of dialogue, problematization, and conscientization, fosters the development of autonomy, active listening, argumentation, and critical thinking in children. The experience of Culture Circles, adapted to the children's universe, enhances the emergence of philosophical questions from everyday life, promoting a more meaningful and humanizing education. It is concluded that the union between Philosophy for Children and Culture Circles constitutes a powerful pedagogical proposal for building a reflective, transformative, and protagonistic childhood.

Keywords: Philosophy for children; Culture circles; Dialogical education.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar las contribuciones de la Filosofía para Niños, en articulación con los Círculos de Cultura de Paulo Freire, para el desarrollo integral, crítico y participativo de los niños en la Educación Infantil y en los primeros años de la Educación Primaria. La metodología adoptada es de carácter teórico-bibliográfico, basada en autores como Freire, Lipman, Gallo, Kohan, entre otros, articulando fundamentos filosóficos y pedagógicos. Los resultados indican que la práctica filosófica, cuando se integra con los principios freireanos de diálogo, problematización y concienciación, favorece el desarrollo de la autonomía, la escucha activa, la argumentación y el pensamiento crítico en los niños. La experiencia de los Círculos de Cultura, adaptada al universo infantil, potencia la emergencia de cuestiones filosóficas a partir de la vida cotidiana, promoviendo una educación más significativa y humanizadora. Se concluye que la unión entre la Filosofía para Niños y los Círculos de Cultura constituye una propuesta pedagógica potente para la construcción de una infancia reflexiva, transformadora y protagonista.

Palabras clave: Filosofía para niños; Círculos de cultura; Educación dialógica.

Recebido em: 09 de junho de 2025

Aceito em: 14 de agosto de 2025

1 A potência revolucionária na relação entre Filosofia para Crianças e Círculos de Cultura

Este artigo propõe uma reflexão acerca da pertinência e do significado da introdução da Filosofia para Crianças na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, com potencial de abrangência para a Educação Básica como um todo. Para além de questões meramente metodológicas ou de conteúdo disciplinar, o texto discorre sobre o valor fundamental de uma iniciação filosófica na infância que desperte a dúvida filosófica, a criatividade e a curiosidade nas crianças, tanto em relação a si mesmas quanto às outras pessoas e ao mundo que as cerca. A finalidade central desta proposição é contribuir para a construção de uma prática educativa que posicione a criança como protagonista de sua própria

aprendizagem e que a capacite a perceber a si, ao outro e ao mundo de maneira mais consciente, promovendo uma educação integral, dialógica, reflexiva, inclusiva e crítica.

Em contraposição a um modelo de ensino frequentemente marcado pelo tecnicismo e pela valorização da utilidade imediata, que encontra dificuldades em acomodar o diálogo e a argumentação respeitosa em sala de aula, a iniciação filosófica na educação básica apresenta desafios por exigir práticas pedagógicas e metodologias distintas. A filosofia, conforme a perspectiva aristotélica, é válida por si própria e buscada não em vista de alguma utilidade externa, mas como um fim em si mesma. Ela se inicia com o admirar-se (*thaumázerein*) diante das coisas que surpreendem, buscando a compreensão da realidade pelo exercício da razão e por um olhar aprofundado sobre o todo (Aristóteles, 2008).

Neste contexto, a criança é vista como um ser integral, dotado de racionalidade e sentimentos, plenamente capaz de duvidar e refletir sobre a realidade em que está inserida, mesmo que esta seja contraditória, utilitarista e pragmática. Contudo, emerge uma questão crucial e necessária: seria de fato possível ensinar Filosofia para Crianças? As crianças conseguem filosofar e realizar abstrações significativas, ou seus questionamentos se limitam a indagações superficiais? É diante dessa problemática que o artigo se aprofunda, buscando estratégias que conduzam as crianças ao pensamento reflexivo e a uma visão crítica e questionadora da realidade.

Diante do exposto, a proposição central deste artigo é a de que as atividades dos “Círculos de Cultura”, conforme idealizado por Paulo Freire, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento das aulas de Filosofia para Crianças. Esta união visa possibilitar momentos de tomada de consciência pela criança sobre si mesma, suas relações e seu mundo, no que se denomina infância como “potência revolucionária”. O texto, portanto, procederá a uma apreciação sobre o trabalho da Filosofia para Crianças, suas proposições e experiências, e subsequentemente analisará a proposta dos Círculos de Cultura como um mecanismo que valoriza a reflexão, a crítica e a tomada de consciência.

Para ilustrar a potência desta união entre os Círculos de Cultura e a Filosofia para Crianças e demonstrar como ela potencializa a formação integral e crítica da criança a partir de sua própria realidade, o artigo também explora como essa articulação se manifesta em desdobramentos contemporâneos como os Círculos de Culturas da Infância (CRIA). Fundamentado nos pressupostos freireanos e em outras bases teóricas importantes, o CRIA utiliza as narrativas do cotidiano da Educação Infantil como ponto de partida, transformando as experiências, curiosidades e inquietações das crianças em temas geradores para a discussão coletiva. Neste sentido, o artigo apresentará e analisará exemplos práticos extraídos do ebook “Círculos de Culturas da Infância: narrativas do

cotidiano da Educação Infantil”, evidenciando como as perguntas de caráter filosófico podem emergir de forma autêntica das vivências das crianças e serem investigadas pela comunidade de investigação, sob a mediação do educador. Essa análise busca demonstrar como a metodologia do CRIA, ao validar as vozes infantis e fundamentar a discussão na realidade concreta, possibilita o ambiente propício para que a Filosofia para Crianças forneça as ferramentas conceituais necessárias para aprofundar a reflexão e estimular o pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

Para tanto, o artigo está estruturado em seções que apresentam o papel da filosofia no desenvolvimento da visão reflexiva e crítica da criança; a relação entre o Círculos de Cultura e a Filosofia para Crianças, destacando a infância como potência revolucionária e a contribuição da relação dialógica; e, por fim, explorará a emergência da investigação filosófica no cotidiano a partir das proposições práticas dos Círculos de Culturas da Infância (CRIA) e suas narrativas.

2 O papel da filosofia no desenvolvimento da visão reflexiva e crítica da criança

O trabalho de Filosofia para Crianças, já experimentado por praticamente quatro décadas, não significa transmitir conteúdos prontos das grandes correntes filosóficas, e nem lhes inculcar teses de filósofos renomados. Isto transformaria a aula de filosofia em uma aula distante de sua atividade propriamente filosófica. Não basta conhecer o pensamento de uma referência filosófica para se dizer que já é um filósofo ou filósofa, que basta apresentar um raciocínio lógico para dizer que se está apto para filosofar. De acordo com os pensadores norte-americanos, Lipman, Oscanyan e Sharp (1994, p. 87), “Embora toda a atividade filosófica envolva raciocínio, não se pode concluir que todo aquele que raciocina esteja envolvido numa atividade filosófica”. O pensamento e o raciocínio são habilidades naturais que podem ser desenvolvidas por todos, mas existem habilidades que são próprias da especificidade da filosofia, como a de formar conceitos, buscar significações, interpretar relações entre fenômenos e fazer inferências de causa e efeito.

Os autores Lipman, Oscanyan e Sharp (1994) defendem que o desenvolvimento das habilidades cognitivas possa refletir em outros aspectos formativos e pedagógicos, possibilitando às crianças ampliar suas habilidades de análise, compreensão e expressão. Espera-se que as habilidades sejam transportadas para todas as áreas de conhecimento e que possam melhorar ainda a capacidade de escutar, estudar, aprender e de se expressar.

A filosofia, enquanto disciplina, busca não aceitar a simples transmissão de conhecimento. Ela pretende alcançar o desenvolvimento reflexivo após lançar questões

importantes que fazem parte do mundo da criança. Cabe ao professor-filósofo ou à professora-filósofa a habilidade para conduzir as reflexões de maneira articulada e ainda propiciar o desenvolvimento da formação cognitiva. A condução adequada dos conteúdos da disciplina de filosofia na sala de aula faz-se através do diálogo, sem uma transferência de saber previamente estruturado, e em busca de uma construção de conhecimento pautada em atitudes significativas.

A atividade filosófica é exercitada e construída na prática docente, de modo que caminhem juntos para uma descoberta inédita, na qual a criança apropria-se da sua realidade, e ela mesma busque explicações para suas indagações.

As aulas de Filosofia para Crianças distinguem-se dos discursos sistemáticos, críticos e rigorosos presentes nos meios acadêmicos. Elas se fundamentam na curiosidade natural das crianças, em suas potencialidades investigativas, na espontaneidade e no anseio por significados. Contudo, necessitam de uma orientação filosófica adequada, capaz de levantar questionamentos pertinentes sobre a vida e os valores, bem como sobre a busca de sentidos que são fundamentais para a formação humana. Com a mediação do professor(a), a criança pode elaborar indagações genuinamente filosóficas.

As grandes interrogações da filosofia estão presentes nos questionamentos das crianças, que, intuitiva ou curiosamente, buscam compreender o mundo e se interessam em encontrar respostas para suas dúvidas. Lipman, Oscanyan e Sharp, (1994) destacam que

a criança pergunta ‘por que?’ desde muito pequena, e portanto, podemos considerar que está desde cedo envolvida num comportamento filosófico. Na verdade, a criança é tão persistente nisso que, em comparação com a falta de curiosidade característica do adulto, somos tentados a dizer que o comportamento filosófico de uma pessoa vai diminuindo com a idade. Isso contrasta fortemente com o aumento de informação que a criança adquire e com sua maior facilidade em utilizar instrumentos conceituais [...] (Lipman; Oscanyan; Sharp, 1994, p. 88).

É comum se perguntar o “porquê” das coisas, uma vez que o sujeito tem a necessidade e tem a possibilidade de captar e produzir o sentido. No entanto, enquanto muitos jovens ou adultos já perderam o encantamento com o mundo, as crianças se envolvem totalmente nos questionamentos e na busca de sentido para suas experiências.

Despertar nas crianças a curiosidade sistemática e levá-las a conservarem atitudes naturalmente reflexivas é quase uma garantia de que estas habilidades se estendam às outras atividades de aprendizagem. O fato de fazê-las pensar por si mesmas permite a autonomia no pensamento e no comportamento. Ensinar as crianças a pensar, conforme Lorieri e Rios (2004), é trazer para a escola, ao lado do rigor e da seriedade, o prazer das descobertas, da ampliação do conhecimento e, portanto, do mundo. Com a iniciação

filosófica, a criança tem a possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar o seu pensar. E aprender a vincular pensamento e ação.

As aulas de filosofia possibilitam o bem comum, a superação de conflitos e diferenças, aliás, às vezes, é importante ressaltar algumas diferenças, trabalhar na valorização do diálogo, buscar um consenso, enfim, apostar na infinita capacidade e criatividade das crianças. A maneira como o professor ou a professora conduzem as aulas de filosofia determinam as relações de respeito entre as crianças. Elas aceitam “os argumentos procedentes do pensador metódico com o mesmo respeito dispensado aos que apresentam seu ponto de vista de modo rápido e articulado” (Lipman; Oscanyan; Sharp, 1994, p.69). O professor ou a professora também são levados a refletirem sobre o que é colocado pelos alunos e alunas. É muito comum acreditar que quem ensina tenha todas as respostas, mas na dinâmica da aula, vão percebendo que ambos estão aprendendo. Com isso, as diversas contribuições de estudantes devem ser bem recebidas, pois, nestas interações são revelados os fundamentos, valores e as experiências de vida de cada indivíduo.

O incentivo ao pensamento filosófico deve partir necessariamente de termos e conceitos da linguagem cotidiana com a qual as crianças se sintam familiarizadas. O mundo no qual a criança está inserida será a base para as suas indagações e investigações, e é a partir dele que os questionamentos devem ser conduzidos.

As crianças, geralmente, se envolvem muito nos questionamentos, elas têm uma curiosidade natural que facilita a investigação filosófica. Sempre ávidas para chegar sua vez de falar, todas demonstram muita ansiedade em participar e colocar suas ideias e opiniões ao debate. Parecem ter respostas para todas as questões dos colegas, só não tem para as suas próprias. Sempre trazem exemplos a partir de suas próprias experiências e querem partilhar com as outras crianças e com o(a) professor(a). Tudo isto é reflexo de uma aula agradável; as crianças gostam de participar ativamente e há um maior envolvimento da criança quando ela sabe que sua contribuição é importante. Nas palavras de Lipman (1990, p. 20), “talvez em nenhum outro lugar a filosofia seja mais bem-vinda do que no início da educação escolar, até agora um deserto de oportunidades perdidas.”

Cabe ao filósofo-educador ou à filósofa-educadora, escutar e demonstrar interesse diante de tudo o que é colocado pelas crianças, além de incentivá-las a ouvirem umas às outras. Conseguir isto pode levar tempo, e exige paciência. Por mais bonito, rico e prazeroso que seja o trabalho filosófico com as crianças ele também traz muito cansaço e fadiga. O professor ou a professora precisa ter muita habilidade, pois as crianças têm uma agitação própria da idade, e numa sala de aula normalmente se encontra um número elevado de crianças. E todas precisam se sentirem à vontade para questionar, e a condição de ouvir nem sempre é respeitada.

A aula de filosofia, no entanto, não está livre de todos os elementos próprios dos processos educacionais. Certas dificuldades podem gerar angústias e desânimos. Às vezes, a indisciplina do aluno, a falta de limites e o desrespeito podem acontecer mesmo com a intervenção do professor. Estamos inseridos em um sistema educativo desafiador, no qual a filosofia se inclui e se esforça para trazer sua contribuição e fazer a diferença. Contudo, o fato de ser uma aula de filosofia não exclui tais dificuldades.

O filósofo existencialista Martin Heidegger (1984) aponta caminhos sobre a investigação filosófica que pode contribuir para o bom desenvolvimento de uma aula de filosofia, ao dizer que:

Uma coisa é verificar opiniões dos filósofos e descrevê-las. Outra coisa bem diferente é debater com eles aquilo que dizem, e isto quer dizer do que falam. Supondo, portanto, que os filósofos são interpelados pelo *ser do ente*, para que digam o que o ente é, enquanto é, então também nosso diálogo com os filósofos deve ser interpretado pelo ser do ente. Nós mesmos devemos vir com nosso pensamento ao encontro daquilo para onde a filosofia está a caminho. Nosso falar deve co-responder àquilo pelo qual os filósofos são interpretados. Se formos felizes neste co-responder, respondemos de maneira autêntica à questão. Que é isto – a filosofia? [...] (Heidegger. 1984. p. 19).

O trabalho de filosofia em sala de aula está diretamente ligado a todo o trabalho da escola e da sociedade. Há um contexto mais amplo envolvido no processo educativo que extrapola a sala de aula, ou seja, a escola está estreitamente ligada à sociedade, nela se refletem e se produzem as situações complexas do mundo contemporâneo. O escritor uruguaio Eduardo Galeano (1998) levanta as questões da educação em um mundo de cabeça para baixo, no qual a violência, o desrespeito, a precariedade do ensino, e os salários baixos dos professores, “que se ven con lupa” (Galeano, p. 104), são indicadores de desprestígio da educação.

Educa-se a criança para a sociedade, e não para o isolamento total. Há uma grande responsabilidade do professor em sua atividade. Para que todos possam participar efetivamente desta reconstrução necessária da sociedade e de suas significações é fundamental que todos estejam envolvidos com a educação. Neste sentido, Silvio Gallo avalia que,

ensinar filosofia é um exercício de apelo à diversidade, ao perspectivismo; é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito nesta aventura que é ensinar filosofia, aprender filosofia [...] (Gallo, 2006, p. 20).

A filosofia busca a compreensão que diz respeito ao sentido, ao significado, ao valor. Ela se apresenta como uma “maneira de pensar” que tem “um conteúdo próprio: os aspectos fundamentais da realidade e da existência humana” (Lorieri; Rios, 2004).

O método de filosofar com crianças deve ser sustentado por uma postura ética, autônoma e geradora de ações concretas. Quando uma criança está familiarizada com os conceitos de pessoa e de respeito, trabalhados num âmbito filosófico, fica mais fácil para ela ter uma atitude ética. A criança ao ser estimulada a se envolver na prática moral, seja durante as aulas, no recreio, na escola como um todo, ela se sente mais responsável pela confiança que lhe é depositada, e ocorre gradualmente uma percepção das dimensões morais do mundo que a cerca. A criança passa a compreender o significado das palavras e das ações das pessoas que estão à sua volta.

3 Círculos de Cultura: infância como potência revolucionária e Filosofia para Crianças

O legado de Paulo Freire tem contribuído para que os educadores e educadoras possam refletir sobre o sentido e significado da educação, sobre sua importância para o desenvolvimento da pessoa, da sua relação com as outras pessoas e seu relacionamento com o mundo que o cerca. Também estimula à reflexão crítica sobre os problemas da realidade social, histórica, econômica da realidade brasileira. Estimula à reflexão sobre e a autoestima das pessoas em relação à cultura, à educação, ao bem-estar e em relação à estabilidade política e econômica do país.

Pode se dizer que Paulo Freire aguça olhares de diferentes perspectivas numa sociedade tão contraditória como a brasileira, para uns o patrono da educação, para outros, criticado porque não ignorou os pobres e os oprimidos, tratou do povo em sua experiência e em seus escritos. Importante que seus escritos provocam rumores de vários segmentos da sociedade civil brasileira.

Em suas várias experiências sobre educação, Freire propõe que ela seja dialogada, partindo da realidade das pessoas, apontando suas contradições, com atividades que favoreçam e possibilitem a reflexão sobre a própria vida. Por isso que o autor utiliza da analogia da dialética para explicar como se dá este processo dinâmico da realidade: *ação, reflexão, ação transformada*. Significa que a realidade é dinâmica, contraditória e transformadora, e que o processo de *conscientização* proposto pelo patrono da educação brasileira é indissociável da práxis.

O esforço de conscientização, que se identifica com a própria ação cultural para a libertação, é o processo pelo qual, na relação sujeito-objeto, o sujeito se torna capaz de perceber, em termos críticos, a unidade dialética entre ele e o objeto. Por isto mesmo, repetamos, não há conscientização fora da práxis, fora da unidade teórica-prática, reflexão-ação [...] (Freire, 1981, p. 113).

A conscientização em Freire tem importância de transformação, de religamento, de conexão, de espírito crítico e revolucionário, por meio da relação dialógica, como trata a própria filosofia, desde seus primórdios. Pois, a “relação dialógica é o selo do ato cognoscitivo, em que o objeto cognoscível, mediatizando os sujeitos cognoscentes, se entrega a seu desvelamento crítico” (Freire, 1981, p. 116).

Nas palavras de Kohan (2018), sobre a visão de infância de Paulo Freire, sua história na infância, no desenvolvimento de sua proposição, que está muito ligada à esta nossa proposição.

Em suas palavras, “na compreensão da História como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhãs” (FREIRE, 2001, p. 40) porque “o futuro não é um dado, uma sina, um fado” (FREIRE, 2015, p. 179). Assim, a infância realiza o sentido político de uma existência propriamente humana: sua vocação irrenunciável por ser mais, por afirmar o futuro como possível e não como determinado, seu permanente estar sendo em vez de ser de uma vez e para sempre. Nesse sentido, o pernambucano diz: “a luta não se reduz a retardar o que virá ou assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo” (Freire, 2001, p. 40). A infância é política. A infância é, para Paulo Freire, uma força re-inventora de mundo [...] (Kohan. 2018. 24).

O pensamento de Freire trata de uma análise da realidade brasileira, sobre suas mazelas e uma proposição de superação da condição de submissão e de baixa autoestima da sociedade brasileira. É o ato de superação e saída da condição de submissão a que esta sociedade está. Assim, a proposição dos *círculos de cultura* é forma de tomada de consciência e entendimento da própria realidade.

Em face de todas estas considerações me parece claro que os camponeses analfabetos não necessitam de contexto teórico – em nosso caso, do “Círculo de Cultura” – para realizar a tomada de consciência de sua situação objetiva de oprimidos. Esta tomada de consciência se dá no “contexto concreto”. É através de sua experiência cotidiana, com toda a dramaticidade em queda implica, que eles tomam consciência de sua condição de oprimidos (...). Neste sentido, o “Círculo de Cultura” deve encontrar caminhos, que cada realidade local indicará, através dos quais se alongue em centro de ação política (...). Somente assim, na unidade da prática e da teoria, da ação e da reflexão, é que podemos superar o caráter alienador da cotidianeidade, como expressão de nossa maneira espontânea de nos mover no mundo ou como resultado de uma ação que se mecaniza ou se burocratiza (...). mas também o que há entre as parcialidades constitutivas da totalidade de cada um e, de outro lado, a necessidade de estabelecermos uma vigilância constante sobre nossa própria atividade pensante [...] (Freire, 1981, p. 110).

A prática do Círculos de Cultura com crianças, integrada à Filosofia para Crianças, permite que os princípios freireanos ganhem vida de forma adaptada:

- **Diálogo:** É a base da prática educativa e a condição para a atividade filosófica. A relação dialógica é o selo do ato cognoscitivo. No Círculos, as crianças aprendem a vivenciar, partilhar, questionar, dialogar, e a professora e o professor tem a habilidade de conduzir as reflexões de maneira articulada através do diálogo. O respeito é construído na maneira como a professora e o professor conduz as aulas e as crianças aceitam os argumentos dos colegas.
- **Leitura de Mundo e Temas Geradores:** Freire propõe uma educação que parte da realidade das pessoas. Com crianças, isso significa começar do mundo no qual a criança está inserida, que será a base para suas indagações e investigações. Os questionamentos devem ser conduzidos a partir dele. A ideia de que a reflexão parte das experiências e da realidade da criança funciona como ponto de partida, como tema gerador. A criança é estimulada a refletir sobre sua experiência de momento, sobre sua vida, sua relação com as outras e os outros e sua relação com o mundo em que está inserida. Essa “leitura de mundo” da criança, suas dúvidas e admirações diante das coisas que a surpreendem (como o universo ou sentimentos), tornam-se a matéria-prima para a reflexão filosófica.
- **Problematização:** Partir da realidade da criança implica em apontar suas contradições e lançar questões importantes que fazem parte do mundo da criança. A filosofia estimula a inquietação, a indagação, a dúvida, o questionamento e a criação. A criança, vista como um ser capaz de duvidar e refletir sobre a realidade, é incentivada a fazer questionamentos bastante pertinentes sobre a vida, os valores, a busca de sentidos.
- **Conscientização:** Os Círculos de Cultura são pensados como um mecanismo para compreender uma educação que fizesse da mulher e do homem um ser cada vez mais consciente. Com as crianças, os Círculos de Cultura possibilitam momentos de tomada de consciência sobre o que a criança é, sua relação com as outras, os outros e com o mundo. A aliança Círculos de Cultura+Filosofia para Crianças busca essa tomada de consciência de sua realidade, na unidade da prática-teoria, da ação-reflexão, para superar o caráter alienador da cotidianeidade.

A articulação da Filosofia para Crianças com a prática dos Círculos de Cultura de Paulo Freire emerge como uma proposição pedagógica robusta, visando a uma formação integral, dialogada e participativa da criança. Distanciando-se de modelos tradicionais de ensino baseados na mera transmissão de conteúdos, essa união busca despertar na criança a curiosidade, a crítica e a capacidade reflexiva, em oposição à timidez, ao conformismo e à repetição.

O formato circular inerente aos Círculos de Cultura é fundamental para estabelecer um ambiente democrático e propício ao diálogo. Sentar-se em roda, sem posições fixas de poder, fomenta a horizontalidade nas relações entre educadoras, educadores e crianças, e entre as próprias crianças. Este espaço-tempo organizado intencionalmente na sala de aula torna-se um *lôcus* privilegiado onde todas e todos são convidadas e convidados a vivenciar, partilhar, questionar e dialogar. Nessa configuração, a relação pedagógica se dá de forma mais equitativa, permitindo que as crianças se percebam como autoras e autores ativos na construção do conhecimento e na transformação de sua realidade.

A adaptação e aplicação dos princípios freireanos na Educação Infantil constituem a base da metodologia dos Círculos de Cultura com crianças. A centralidade da dialogicidade e da escuta sensível é primordial. Não se trata apenas de ouvir passivamente, mas de uma escuta atenta e respeitosa das vozes infantis, valorizando suas histórias, saberes e contextos socioculturais. A “leitura de mundo” das crianças, suas experiências cotidianas, suas curiosidades, desejos e inquietações, constitui o ponto de partida do processo. A educadora e o educador, na posição de coordenadora e coordenador de debates ou animadora e animador, observa, escuta e registra essas manifestações, transformando-as em temas geradores para a discussão coletiva. Esses temas, que emergem da própria realidade do grupo, ditam os rumos da aprendizagem.

Dentro deste espaço dialógico, a problematização dos temas e da própria realidade se torna um motor para instigar a reflexão e a ação. Esse processo é crucial para que as crianças possam ir além de uma “consciência ingênua”, desenvolvendo uma compreensão mais crítica de si mesmas, das outras e dos outros e do mundo que as cerca. A prática nos Círculos de Cultura é vista como um momento de “tomada de consciência” de sua realidade, impulsionando a conscientização. As crianças são incentivadas a expressar suas ideias, a (re)construir seus saberes a partir de suas experiências, e a se perceberem como “fazedoras e fazedores de sua história”. A práxis freireana, que une reflexão e ação, é vivida neste espaço, onde a compreensão se liga à possibilidade de intervir na realidade. A utilização de múltiplas linguagens – não apenas a verbal, mas também artísticas e culturais – é valorizada para facilitar a expressão e enriquecer o debate. Essa abordagem inclusiva e multifacetada contribui para a humanização do processo educativo.

A potência da união entre os Círculos de Cultura e a Filosofia para Crianças reside exatamente nesta sinergia que potencializa a formação integral e crítica da criança. O Círculo de Cultura fornece o espaço essencialmente democrático, valida as vozes infantis, e fundamenta a discussão na realidade concreta das crianças, combatendo o silenciamento histórico da infância. A Filosofia para Crianças, por sua vez, oferece as ferramentas

conceituais da investigação filosófica para estruturar o pensamento, aprofundar as perguntas e desenvolver as habilidades reflexivas e críticas dentro deste espaço seguro e dialógico. A combinação permite que as crianças aprendam a “pensar por si mesmas”, a articular pensamento e ação, a dialogar, a superar conflitos e a valorizar diferentes pontos de vista, aplicando o rigor e a seriedade do pensar filosófico ao prazer das descobertas sobre o mundo. Essa aliança vai além do que cada abordagem oferece isoladamente, configurando-se como um “inédito viável” na práxis pedagógica, promovendo a “infância como potência revolucionária” e a busca incessante por um “ser mais”, pautada na amorosidade e no respeito às diferenças.

3.1 Círculos de Cultura: a Infância e a Emergência da Investigação Filosófica no Cotidiano - Proposições Práticas

A articulação entre a Filosofia para Crianças e os Círculos de Cultura de Paulo Freire, encontra no cotidiano da Educação Infantil um solo particularmente fértil. Conforme destacado no artigo de Silva (2024), ambas as abordagens compartilham a centralidade do diálogo, a valorização da curiosidade e a busca pela conscientização e criticidade. O Brasil acumula experiências em Filosofia para Crianças, e a Pedagogia Freireana é um marco na educação brasileira, com desdobramentos contemporâneos relevantes como os Círculos de Culturas da Infância (CRIA).

Para ilustrar a potencial aplicação dessa articulação FpC+CRIA em contextos reais, especialmente no âmbito dos CRIA, utilizaremos exemplos práticos extraídos de narrativas do cotidiano da Educação Infantil presentes no ebook “Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil”. É fundamental esclarecer que a análise dessas narrativas não constitui um estudo empírico da implementação ou dos resultados da união específica entre FpC e CRIA, mas serve como demonstração de como as perguntas de caráter filosófico podem emergir autenticamente das vivências das crianças neste ambiente dialógico, oferecendo assim uma base sólida para propor como essa articulação pode se manifestar na prática.

Ao integrar a Filosofia para Crianças (FpC) e os Círculos de Cultura de Paulo Freire propõe-se um ambiente pedagógico particularmente propício para a investigação filosófica na infância. Conforme destacado, o formato circular inerente aos Círculos de Cultura é fundamental para estabelecer um ambiente democrático e horizontal.

Nesse contexto articulado de Círculos de Cultura da Infância (CRIA) e Filosofia para Crianças (FpC), o papel da educadora e do educador transcende a mera facilitação. Ele se

configura como um mediador e mediadora sensível e professor e professora-filósofa, combinando as funções de coordenador e coordenadora do Círculo de Cultura com a de guia na investigação filosófica. O processo de mediação se inicia com a escuta atenta e sensível e a observação das vivências, interações, curiosidades, desejos e inquietações das crianças no cotidiano do CRIA, identificando nelas o potencial para a emergência de perguntas de caráter filosófico. Uma vez identificadas, essas questões, que emergem autenticamente das experiências infantis e se tornam temas geradores, configuram o motor da investigação conduzida na comunidade de investigação das crianças sob a mediação da educadora educador. É neste espaço dialógico, fundamentado no ambiente democrático e horizontal do Círculo de Cultura, que as “ferramentas conceituais” e as habilidades reflexivas da Filosofia para Crianças são mobilizadas e trabalhadas. A educadora e educador não transmite conteúdos prontos, mas guia o diálogo, incentivando as crianças a formular argumentos, a questionar respeitosamente as ideias das e dos colegas, a buscar clareza conceitual (ao explorar conceitos como identidade, realidade, cuidado, cor, como ilustram os exemplos das narrativas do cotidiano da Educação Infantil, presentes no ebook (Silva & Almeida, 2024), a escutar ativamente, e a considerar diferentes pontos de vista.

Por meio dessa mediação atenta, as crianças são encorajadas a exercitar o pensamento crítico, criativo e cuidadoso e a integrar pensamento e ação. A vivência da práxis freireana nesse percurso dialógico promove a busca pela tomada de consciência sobre si, os outros, outras e o mundo, contribuindo para a superação do caráter alienador da quotidianidade.

Os Círculos de Culturas da Infância (CRIA), conforme apresentado pela autora Silva (2024), como abordagem pedagógica na educação infantil (2024, p. 75-94), é uma abordagem pedagógica fundamentada nos pressupostos freireanos sobre Círculos de Cultura, também tem fundamentos na Teoria “Histórico-Cultural (Vigotski, 1933/2010), nas Pedagogias da Infância (Barbosa, 2010) e na Sociologia da Infância (Sarmiento, 2003)” e (Silva & Almeida, 2024, p. 22). Sua essência reside em partir da realidade das crianças, de suas experiências, curiosidades, desejos e inquietações cotidianas (“situações existenciais”). A observação atenta, o registro e a narração dessas vivências pelas educadoras e pelos educadores transformam-nas em temas geradores, a partir dos quais a ação pedagógica se organiza. Essa metodologia promove o diálogo, a participação e a construção coletiva de conhecimentos.

Figura 01: Pressupostos dos Círculos de Culturas da Infância - CRIA



Fonte: Elenice Silva (2024, p. 86).

É precisamente nesse contexto de Círculos de Cultura da Infância (CRIA) que as perguntas de caráter filosófico podem emergir de forma autêntica e ser investigadas pela comunidade de investigação das crianças [referência a Lipman]. As narrativas do cotidiano da Educação Infantil, presentes no ebook, servem como exemplos práticos de como a curiosidade e as experiências das crianças geram indagações que, ao serem aprofundadas, podem tocar em dimensões filosóficas da existência.

Consideremos, por exemplo, a narrativa “O cavaleiro e os aprendizes”, mencionada por Thiago de Matos Oliveira e Sônia Maria Alves de Oliveira Reis (2024:236). A observação de uma criança transformando uma mesa em cavalo emerge como uma “situação existencial” e um “tema gerador”. Em um Círculo de Cultura da Infância (CRIA), essa vivência seria o ponto de partida para investigar o mundo dos equinos, dialogar sobre cavalos em diferentes culturas, explorar linguagens (literatura, arte, música) relacionadas, promovendo a ascensão da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica.

Dentro dessa mesma dinâmica, a Filosofia para Crianças poderia enriquecer a investigação ao conduzir as crianças a pensarem filosoficamente sobre a situação. Perguntas como:

- “Uma mesa que se torna um cavalo, ainda é uma mesa?” (Introdução à ideia de identidade e transformação);
- “O que faz um cavalo ser um cavalo?” (Exploração de conceitos e essência);
- “Quando usamos nossa imaginação para transformar algo, o que acontece? A realidade muda, ou só a nossa ideia dela?” (Discussão sobre realidade, imaginação e percepção);

- “Por que gostamos de imaginar coisas diferentes do que elas são?” (Reflexão sobre desejos, criatividade e a natureza humana).

Essas perguntas emergem da experiência concreta narrada, validada e trazida para o centro do processo pedagógico pelos Círculos de Cultura (CRIA). A professora-filósofa e o professor-filósofo, ou a educadora e o educador capacitado na condução filosófica, guiaria a comunidade de investigação (Lipman, 1990) das crianças no diálogo, incentivando a escuta atenta, a formulação de argumentos, o questionamento respeitoso das ideias dos colegas e a busca por clareza conceitual – habilidades centrais na Filosofia para Crianças. A relação dialógica, base fundamental tanto de Freire quanto da Filosofia para Crianças, seria o selo do ato cognoscitivo, permitindo que as crianças apropriem-se da sua realidade e busquem explicações para suas indagações de forma autônoma e reflexiva.

Analisemos agora, a narrativa “O tatuzinho de jardim é besouro?”, escrita por Aline Maria Costa Oliveira (2024, p. 155). A curiosidade de Murilo sobre um “bichinho enterrado na terra” e a discussão subsequente com outras crianças sobre se ele é um tatu ou um besouro, se tem rabo, se tem nariz e como respira debaixo da terra, ilustram a curiosidade ingênua que, com a mediação da professora, pode se transformar em curiosidade epistemológica. Em um Círculo de Cultura da Infância focado nessa experiência, a investigação inicial pode ser biológica (identificação, habitat), mas as perguntas podem se desdobrar para o campo filosófico:

- “O que faz um tatuzinho ser quem ele é, e um besouro ser quem ele é?” (Questões sobre identidade e essência);
- “Os bichinhos que vivem na terra pensam?” (Reflexão sobre consciência e mente);
- “Por que nos importamos com bichinhos pequenos?” (Ética, relação com a natureza).
- A própria pergunta de Murilo, “Como eles fazem para respirar no fundo do buraco?”, além da dimensão científica, pode gerar admiração e espanto diante dos mistérios da natureza, tocando em uma curiosidade estética.

Outro exemplo pode ser extraído da narrativa “MEU NOME É DOUTORA EMANUELA”, escrita por Isabel Camargo de Oliveira (2024:67). Emanuela, de três anos, afirma ser “doutora” porque “vai cuidar das pessoas” e tem uma “vacina de brinquedo”. Ela transfere a ideia de vacina para o cavalo de tecido (“Cavalo Fofura”), dizendo que ele também toma vacina “Porque está doente”. Quando perguntada sobre a doença do cavalo, ela responde: “Hummm, fofura!”. Em um Círculo de Cultura, essa narrativa pode gerar discussões sobre cuidado, saúde, doenças e imaginação. A dimensão filosófica, articulada a partir dessas vivências (como preconiza o CRIA), poderia incluir perguntas como:

- “O que significa cuidar de alguém?” (Ética, cuidado);
- “Podemos cuidar de brinquedos como cuidamos de pessoas ou animais de verdade?” (Distinção entre real e imaginário, naturezas diferentes);
- “Uma 'doença' como 'fofura' é uma doença de verdade? O que faz uma doença ser de verdade?” (Conceito de doença, realidade);
- “Quando brincamos de ser doutor, estamos sendo doutores mesmo ou só de faz de conta?” (Identidade, ser e parecer, imaginação).

A narrativa “PROFESSORA, POR QUE TENHO QUE SER PRETO? EU NÃO POSSO SER SÓ O ELANO?”, escrita por Micheli Oliveira Fraga dos Santos (2024, p. 263), é outro exemplo potente. A pergunta de Elano sobre a cor do “gato homem” que dá medo na história de Enzo e a posterior busca pelo “lápiz cor de pele” por Samily, seguida pela reflexão dos meninos Nicolás e Miguel sobre as cores da pele e a associação com as cores dos lápis, são situações existenciais carregadas de significado social e cultural. Um Círculo de Cultura que acolha essas questões abre espaço para a discussão sobre identidade, cor, medo e preconceito. A Filosofia para Crianças, nesse contexto, pode mediar reflexões mais profundas:

- “Por que algumas cores nos dão medo ou são associadas a coisas ruins?” (Símbolos, associações, emoções)
- “Existe uma cor de pele 'certa' ou 'normal'? O que faz a cor da nossa pele?” (Diversidade, identidade, biologia básica)
- “Podemos ser 'só o Elano', ou a nossa cor faz parte de quem somos?” (Identidade, pertencimento, características essenciais vs. acidentais)
- “Por que é importante que todas as cores sejam vistas como bonitas?” (Ética, valores, respeito à diversidade)

Esses exemplos, inspirados nas narrativas do cotidiano presentes no ebook, (Silva & Almeida, 2024). Demonstram como a metodologia do CRIA, ao partir das experiências e perguntas autênticas das crianças, cria o ambiente propício para a emergência de questões de natureza filosófica. O papel da educadora e do educador, nesse cenário de união, seria o de mediador sensível, capaz de identificar o potencial filosófico nas falas e ações das crianças, e conduzir a comunidade de investigação de forma a aprofundar a reflexão, promover o diálogo respeitoso e estimular o pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

A metodologia pedagógica proposta no âmbito deste estudo, denominada Círculos de Cultura da Infância (CRIA), (Silva 2024) com foco filosófico, articula os pressupostos dos Círculos de Cultura de Paulo Freire com a Filosofia para Crianças (FpC). Baseada na “pedagogia da participação” e em uma epistemologia materialista, histórico-cultural e dialética que compreende a criança como ser social e cultural que produz cultura, a abordagem CRIA para a investigação filosófica parte das situações existenciais vivenciadas pelas crianças em seu cotidiano. O processo se inicia com a escuta atenta e sensível das professoras e dos professores às falas, interações,

curiosidades, desejos e inquietações das crianças. Através da observação e do registro dessas vivências, as e os educadores identificam saberes prévios e potenciais temas geradores e, crucialmente para a dimensão filosófica, a emergência de perguntas de caráter filosófico a partir dessas experiências. O papel da educadora e do educador como mediadora e mediador sensível e “professora-filósofa e professor-filósofo” é fundamental, pois cabe a ele problematizar essas situações e questões e conduzir a comunidade de investigação das crianças, promovendo o diálogo respeitoso, a escuta ativa, a formulação de argumentos, a busca por clareza conceitual e o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e cuidadoso. A investigação filosófica no CRIA é potencializada pela integração de múltiplas linguagens – verbal, artística, cultural e corporal – que servem como ferramentas para a expressão de ideias, a exploração de conceitos e a apropriação de significados e culturas pelas crianças. O planejamento pedagógico emerge desse ciclo dinâmico, organizando contextos de experimentação que permitem às crianças agir e refletir (práxis freireana), construindo conhecimento e se percebendo como protagonistas na leitura e (potencial) transformação de sua realidade.

A práxis freireana, entendida como a unidade entre ação e reflexão, é vivenciada duplamente: as crianças agem e interagem no mundo, gerando as experiências que fundamentam os Círculos de Cultura; e, nesse espaço dialógico, refletem sobre essas experiências, buscando compreendê-las e (potencialmente) transformá-las. A Filosofia para Crianças fornece o rigor (no sentido popperiano de Sócrates, a consciência das limitações e a modéstia intelectual) e as ferramentas para que essa reflexão se torne mais aprofundada e conceitual, contribuindo para a tomada de consciência crítica que é o cerne da educação libertadora de Freire.

Portanto, embora os excertos não apresentem estudos empíricos da união, as narrativas do CRIA oferecem uma base sólida para propor como essa articulação pode ocorrer na prática, utilizando o cotidiano como currículo vivo e as perguntas das crianças como motor da investigação filosófica. A riqueza das experiências narradas no ebook evidencia que a matéria-prima para a investigação filosófica está presente na vida diária das crianças, e a metodologia do CRIA fornece o caminho para acessá-la e potencializá-la de maneira dialógica e significativa.

4 Horizontes Abertos por uma Educação Filosófica e Dialógica na Infância

Um ambiente favorável na sala de aula propicia entre as crianças a participação democrática, dotada de cooperação e vivência de valores, além da presença da interdisciplinaridade, também necessária para os novos processos educacionais. A criança é vista como um ser integral capaz de desenvolver o raciocínio lógico e atingir outras dimensões como a afetiva e a estética.

A filosofia para crianças tem suas especificidades em relação aos Círculos de Cultura. O ensino de filosofia nas séries iniciais tem conseguido uma aceitação significativa visto a possibilidade e a necessidade de sua presença, embora também haja resistência e questionamentos – mesmo entre aqueles que acreditam na importância de se introduzir princípios filosóficos na formação das crianças. A desconfiança da eficiência de tal programa por alguns filósofos acadêmicos surge do questionamento da maturidade ou da ausência de ferramentas necessárias às crianças para o filosofar rigoroso e sistemático proposto pelas grandes correntes filosóficas. Este posicionamento opõe-se à proposta sugerida por alguns defensores da Filosofia para Crianças, os quais reconhecem a concreta presença de elementos essenciais, como o questionamento e a perplexidade justamente nesta fase da criança.

Ainda assim, avaliamos as proximidades entre Filosofia para Crianças e as práticas dos Círculos de Cultura. Diante disto, este texto procurou refletir sobre o significado da atuação da Filosofia para Crianças na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental e em toda a sua atuação na Educação Básica, procurou, ainda, propor uma aliança da prática de filosofia em sala de aula com uma experiência nacional, baseada nas práticas de alfabetização de Paulo Freire, que são os Círculos de Cultura. Trata-se do tempo em que a criança poderá refletir, expressar e compartilhar seus pensamentos, seus sentimentos, suas impressões sobre o tema estudado, sobre sua experiência de momento, sobre sua vida, sua relação com os outros e sua relação com o mundo em que está inserida.

A aliança entre o trabalho da Filosofia para Crianças e as práticas dos Círculos de Cultura, poderá contribuir para uma aula mais significativa e também para o desenvolvimento de uma pessoa que tenha capacidade de perceber a si, aos outros e ao mundo que o cerca, mais uma vez, o que Freire (1981) chama de tomada de consciência de sua realidade, ou seja, *na unidade da prática e da teoria, da ação e da reflexão, é que podemos superar o caráter alienador da quotidianidade.*

Assim, a atividade sobre o pensar (Filosofia para Crianças e Círculos de Cultura), no espaço de sala de aula poderá contribuir para que a criança aprenda de forma reflexiva e que seja despertada para a curiosidade e não para a timidez, para a crítica e não para o conformismo, para a capacidade reflexiva e não para a repetição.

A educação brasileira deveria investir na educação para o pensar, na perspectiva que aqui propomos, com o objetivo de que esta prática se torne uma política pública, de forma que todas as crianças tivessem acesso à uma educação de qualidade, reflexiva, crítica e que se formassem a partir de valores humanos, do respeito mútuo, da sua boa relação com as pessoas, com o mundo que o cerca, com a natureza, sempre na busca de seu bem-estar.

Referências

- ARISTÓTELES. Metafísica – Livros I, II e III. Trad. Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2008. *Clássicos da Filosofia*: Cadernos de Tradução/Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. n.1.
- BARBOSA, M. C. S. Pedagogia da infância. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade* (apresentação). Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1967.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1987.
- FREIRE, P. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. Ed. Paz e Terra. 1981.
- GALEANO, Eduardo. *Patatas arriba: la escuela del mundo al revés*. Espanha: Siglo XXI, 1998. Disponível em: https://resistir.info/livros/galeano_patatas_arriba.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.
- GALLO, Sílvio. *A Filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. Éthica*. Rio de Janeiro, v. 13. n. 1, p. 17-35, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* São Paulo. Abril Cultural. 1984. (Coleção Os Pensadores).
- KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire: Outras Infâncias para a Infância*. EDUR • Educação em Revista. Belo Horizonte; 8; 34:e199059; 2018.
- LIPMAN, Mathew. *A Filosofia vai à escola*. Tradução de Maria E. de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, Mathew; OSCANYAN, Frederick S.; SHARP, Ann Margaret. *A filosofia na sala de aula*. Trad. Ana Luiza Fernandes Falcone. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria. 1994.
- LORIERI, Marcos Antônio & RIOS, Terezinha Azeredo. *Filosofia na escola: o prazer da reflexão*. São Paulo: Moderna, 2004. Coleção cotidiano escolar/ Coord. Ulisses F. Araújo.
- OLIVEIRA, A. M. C. O tatuzinho de jardim é besouro? In: SILVA. Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA. Larissa Monique de Souza [Orgs.]. EBOOK. *Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.p. 57-60.
- OLIVEIRA, I. C. de. Meu Nome é Doutora Emanuela. In: SILVA. Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA. Larissa Monique de Souza [Orgs.]. EBOOK. *Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 30-33.
- SANTOS, M. O. F. dos. Professora, Por Que Tenho Que Ser Preto? Eu Não Posso Ser Só O Elano? In: SILVA. Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA. Larissa Monique de Souza [Orgs.]. EBOOK. *Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 84-90.

SARMENTO, M. *Imaginário e culturas da infância*. Cadernos de Educação, n. 21, 2003.

SILVA, E. de B. T.; ALMEIDA, L. M. de S. Dimensões da Ação Pedagógica na Educação Infantil: Implicações para o Planejamento e Organização de Contextos. In: SILVA. Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA. Larissa Monique de Souza [Orgs.]. EBOOK. *Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 52-56.

SILVA. Elenice de Brito Teixeira. Círculos de culturas da infância (CRIA) como abordagem pedagógica na educação infantil. In: SILVA. Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA. Larissa Monique de Souza [Orgs.]. EBOOK. *Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 75-94.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Texto original de 1934).